

## NA ROTA INVERSA

Tráfico de seres humanos entre países pobres: República Dominicana, Brasil e Suriname.

Marcel H<sup>1</sup>azeu  
Danielle Lima  
(Sodireitos <sup>2</sup>)

### Resumo

O tráfico de seres humanos exige múltiplas interpretações, traduzindo as observações em questionamentos a partir de teorias e enfoques diferentes. Uma das leituras corriqueiras é sobre o fluxo de pessoas dos países do sul para o norte, ou de regiões mais pobres para regiões mais ricas. O fenômeno do tráfico da República Dominicana e do Brasil para Suriname não parece seguir esta lógica. Mesmo assim, os relatos chamam a atenção sobre uma realidade pouco estudada.

### Abstract

Human trafficking asks for multiples interpretations, translating the observations in questions based on different theories and focuses. One of the common lectures is about the flux of people from countries of the south to the north, or from poorer regions to the richer ones. The phenomenon of the human trafficking from the Dominican Republic and from Brazil towards Suriname seems not to fit in this logic. Even so, the stories call for attention about a reality not much investigated.

La trata de personas demanda interpretaciones múltiples, traduciendo las observaciones en cuestiones, fundamentada en diversos teorías y focos. Una de las lecturas actuales es que el flujo de la gente segué de los países del sur para a norte, o de regiones pobres para regiones más ricas. El fenómeno de la trata de la República Dominicana y del Brasil para Surinam no se parece seguir esta lógica. Hasta así, las historias llaman la atención sobre una realidad poco estudiada.

### Globalização

A globalização da economia se materializa na mobilidade do capital especulativo, na formação de blocos econômicos, no poder das empresas transnacionais e na construção de valores consumistas universais. Neste modelo, os excluídos procuram estratégias de sobrevivência e participação, tentando aproveitar-se das contradições do modelo, migrando para os países onde se concentram as riquezas, que por sua vez, constroem barreiras e legislações excludentes e protecionistas. A exploração e tráfico de seres humanos se organiza no mercado mundial de sexo, envolvendo crianças, adolescentes e adultos na lógica do modelo de globalização. As rotas de tráfico

---

<sup>1</sup> Pesquisador e articulador da ONG Sodireitos, Mestrado em engenharia ambiental na Universidade de Agricultura em Wageningen , especialização em violência doméstica na USP

<sup>2</sup> Sodireitos é uma ONG em Belém do Pará que atua na promoção e defesa dos direitos humanos, especialmente os direitos sexuais

seguem os fluxos do pagamento da dívida externa, do terceiro mundo para o primeiro, tendo Europa e os Estados Unidos como destinos principais, seguidos por Israel, Japão, Oriente Médio e Austrália.

Desta maneira, trata-se de explicitar o contexto multidimensional do tráfico de seres humanos, que têm suas determinações não somente na violência criminal, mas, sobretudo nas relações macro-sociais (mercado globalizado e seus impactos na precarização do trabalho, migração, na expansão do crime organizado e da exploração sexual comercial) e nas relações culturais (valores patriarcais/machistas, de classe, de gênero/etnia e adultocêntricas, que inserem mulheres, crianças e adolescentes em relações desiguais de poder) (leal, 2002).

Os países latino americanos passam há algumas décadas por chamados processos de democratização, depois de décadas de vivência com regimes autoritários, na sua maioria sustentada e apoiada pelos Estados Unidos. Mais de 500 anos de colonização deixaram seus reflexos nas sociedades atuais. Antes colônias propriamente ditas, há tempo países dependentes do capital dos Estados Unidos, Europa e Japão, que se apropriam dos recursos naturais e cada vez mais também das empresas de serviços. O processo de suga sangue continua, mineiros, produtos das florestas, petróleo e, por que não dizer, drogas saem diariamente do América Latina, sem deixar um pagamento justo. Os países latino americanos financiam o crescimento econômico no hemisfério norte através do pagamento da dívida externa e seus incontroláveis juros. Os organismos internacionais de desenvolvimento pautam os investimentos na América do Sul, exigindo uma política neo-liberal, vantagens para empresas transnacionais e a precarização das condições de trabalho. Cada vez mais lucro e mais desemprego (veja a Companhia Vale do Rio Doce, as telecompanhias, Albraz/Alunorte etc.). Com os Estados Nações e seus governos enfraquecidos, o domínio pelo capital dos transnacionais, a lei do capitalismo selvagem rege nas sociedades: lucro acima de tudo, estimulando a exploração dos trabalhadores e o crescimento das redes criminosas. A população do continente é deixada somente duas alternativas: opor-se a este modelo ou procurar, individualmente, saídas dentro ou fora seus países, a mercê da sua própria sorte.

Além de ser um continente colonizado e dependente, trata-se ainda de um continente revolucionário. Contra a Alca lançou-se a proposta do Mercosul, em oposição aos governantes dos elites cooperativistas os povos elegeram governos opositoristas. Movimentos sociais conseguem resignificar os processos chamados “desenvolvimento”, “progresso” ou, ao outro lado, “traficantes”, “marginais”, “sem vergonhas”, mostrando de que se trata de “exploração”, “exclusão”, “estado de barbaria” e reconhecer as pessoas como atores sociais, fortes e até revolucionárias.

Pessoas traficadas nem sempre se sentem vitimizadas, por aceitar e incorporar como natural a sua posição de dominada, explorada e subjugada. Exploradores e os chamados clientes não se reconhecem como exploradores, dominadores e agressores, pois consideram normal as diferenças de poder e tirar proveito nas relações estabelecidas. A análise da exploração no mercado de sexo (prostituição em todas as suas variedades e as diversas formas de pornografia) traz à tona as perversidades e as formas de violência inerentes ao modelo de organização da sociedade.

O conceito de tráfico de pessoas mescla vários fenômenos e enfoques, como direitos humanos, globalização, migração, discriminação (racial e/ou de gênero), exploração sexual, prostituição, trabalho sexual, trabalho escravo, exploração de trabalho, direitos trabalhistas, escravidão moderna e crime transnacional. Alguns movimentos, mas principalmente governos, quando dizem combater o tráfico de pessoas, visam o combate à migração, à prostituição ou às redes criminosas internacionais e não a garantia dos direitos humanos.

Nos termos do Protocolo adicional à convenção das Nações Unidas contra a criminalidade organizada transnacional (art. 2º bis, alínea a), deve se entender por tráfico:

*[...] o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou a recolha de pessoas, pela ameaça de recurso à força ou pelo recurso à força ou a outras formas de coação, por rapto, fraude, engano, abuso de autoridade ou de uma situação de vulnerabilidade ou através da oferta ou aceitação de pagamentos ou de vantagens para obter o consentimento duma pessoa que tenha autoridade sobre uma outra, para fins de exploração.*

*A exploração compreende, pelo menos, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravatura ou práticas análogas à escravatura ou o transplante de órgãos.*

*O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou a recolha de uma pessoa com menos de 18 anos para fins de exploração são considerados como tráfico de pessoas, mesmo se não tiver utilizado qualquer dos meios enunciados na alínea a.*

Dos trabalhos preparatórios para o Protocolo constará o esclarecimento de que por abuso de uma situação de vulnerabilidade deverá entender-se toda a situação em que a pessoa visada não tenha outra escolha real nem aceitável senão a de submeter-se ao abuso (Hazeu, 2003). O deslocamento (principal característica da migração), muitas vezes, é acompanhado pela imobilização no local de destino através de mecanismos que caracterizam o trabalho escravo. A condição do trabalhador escravizado é a de alguém que não pode decidir por si próprio, não é sujeito de direitos e é tratado como mercadoria. O trabalhador que se encontra nessas condições é aliciado em locais distantes daquele onde vai trabalhar. Geralmente, é enganado pelo empreiteiro ou "gato", que promete contrato assinado em carteira, boas condições de trabalho, moradia e alimentação dignas etc. A realidade se mostra bem diferente quando o trabalhador se depara com maus-tratos, fome, doenças e, o que é pior, seu salário é retido quase que inteiramente com a desculpa de que é preciso ressarcir o patrão pelas despesas feitas com a sua viagem até a fazenda. O trabalhador, então, é obrigado a se submeter aos cálculos nem sempre honesto do patrão e, se tentar deixar o trabalho, é castigado, muitas vezes com a morte. Esta realidade não é nova na região amazônica, na qual a migração estimulada, mas desordenada seguiu a lógica do trabalho escravo através do processo de aviamento, que envolve o deslocamento, isolamento, endividamento e condições desumanas de trabalho na ocupação da Amazônia através da exploração mineral, de borracha, construções civis etc. A dívida funciona como maior arma de imobilização, até porque se torna uma questão de honra do trabalhador que incorpora a obrigação de saldá-la (mesmo ilicitamente contraída e manipulada) como uma questão moral.

Suriname

Enquanto os olhos se voltam para o tráfico entre Brasil e Europa, num país da América Latina, pequeno em tamanho geográfico e em termos populacionais, concentra-se o destino de duas rotas de tráfico de seres humanos dentro do próprio continente: Suriname, como destino da região amazônica brasileira e da República Dominicana. Não existem praticamente relações históricas entre estes países, usam-se línguas diferentes (holandês, espanhol e português), a maioria dos habitantes do Brasil e da República Dominicana nem sequer sabe onde se localiza este país e os brasileiros e dominicanos são vistos e tratados como lixo em Suriname. Os três países dividem entre si a característica de serem países com altas dívidas externas. Suriname se destaca ainda por ter uma economia dependente do tráfico de drogas, remessas de migrantes surinameses no exterior e ajuda do governo holandês. Mesmo assim, o fluxo de tráfico de seres humanos é intenso, como se procura evidenciar em seguida.

Durante uma visita de identificação de entidades parceiras e a situação das brasileiras na prostituição a Suriname pelo programa Jepiara, realizada em novembro de 2005, confirmou-se em Paramaribo a presença nos clubes e no hotel Pérola de cerca de 170 mulheres jovens e em alguns casos de adolescentes. Foram abordadas em cada clube quatro mulheres para uma conversa sobre as condições de trabalho e o perfil das mulheres no clube. Confirmou-se que nas boates Condor (20 mulheres), Diamond (60), Aventura (30) e no Hotel Pérola (30) só tinham brasileiras, predominantemente de Belém do Pará e na boate Mundial (30) a maioria era paraense, além de um grupo de mulheres da República Dominicana. Estatísticas do programa surinamês de HIV/AIDS, onde as meninas e mulheres dos clubes, obrigatoriamente fazem exames de saúde a cada quinze dias (despesas pagas por elas) confirmam esta observação de campo, apresentando o seguinte quadro de prostitutas nos clubes em 2004 registrados pelo programa em Paramaribo.

Clubes	República Dominicana	Brasil	Guiana	Suriname	Total
Aventura	0	29	1	0	30
Bulldog	1	27	0	0	28
Condor	0	48	0	0	48
Diamond	11	125	0	0	136
Manilla	0	29	0	0	29
Mundial	0	9	0	0	9
Relax	166	30	1	1	198
Stonebar	13	11	0	0	13
Total	180	308	2	1	491

IOM, 2005

A jornalista Jaqueline Almeida do jornal O Liberal de Belém/Brasil

*“esteve nas principais boates surinamesas que contratam garotas brasileiras: Diamonds, Blue Hawaii, Mundial, Manila in e Condor, além da Oasis Paradise (conhecida como La Vida), onde também há garotas de programa da República Dominicana. Em todas elas, o medo de falar e de ir contra os patrões são os combustíveis para continuar se prostituindo. Na boate, quando alguém se aproxima para conversar com elas, logo encosta um guarda-costa para ouvir a conversa ou olhar*

com expressão de reprovação para as garotas, quase todas de Belém e Ananindeua. “Todas as boates aqui são assim. Eles querem mandar na gente, pegam o passaporte, não deixam sair, botam regra para tudo”, disse Sheila\*, uma paraense que morava em uma travessa da rua 8 de Maio, em Icoaraci, antes de ser convidada para trabalhar em Paramaribo. Além dela, pelo menos cinco meninas de Icoaraci também foram convidadas e levadas, com despesas pagas, para trabalhar na boate, localizada na rua Zwartenhovenbrug. Como parte das regras, as meninas não dizem o nome da mulher que as convidou. “Não me lembro mais, faz tanto tempo”, diz Sheila, tentando despistar.” (Almeida, 2004)

O jornal surinamês, De Ware Tijd, 2004, publicou uma matéria que ilustra ainda mais a situação local, com o manchete “Mas...elas não são todas putas?”.

*“Alexandra, 27 anos, de São Luis mora há cinco anos em Suriname. Diz que foi enganada, pois foi convidada para trabalhar como bailarina, mas acabou num clube de prostituição. Os surinameses nos tratam como cachorros. O pior que já vivi foi quando tive que fazer sexo com vários homens no mesmo tempo. Se precisar de dinheiro, a gente faz qualquer coisa. Trabalho de 22:00 às 04:00 horas todo dia, mesmo menstruada. Quase não consigo garantir cuidar dos meus três filhos. .. Que não somos aceitos aqui ainda complica mais a vida.(...) Há pouca integração dos brasileiros no Suriname. Em geral não são aceitos e ninguém quer a sua companhia” diz o surinamês Astrando Kranenburg, que trabalhou seis anos atrás alguns meses na boate Diamond e ouvia as histórias das mulheres, sobre as suas vidas e os clientes. Seu respeito por elas aumentou: Brasileiros são trabalhadores e boas companhias. Como parte do seu trabalho ele precisava fiscalizar as meninas, o que significava que elas tinham que registrar sua presença às 21:00 horas da noite com ele e se quisessem sair da boate precisavam da sua autorização. As circunstâncias de vida são precárias “elas são simplesmente prisioneiras, o melhor dito, escravas. Quando querem economizar dinheiro elas precisam trabalhar duro. Precisam pagar 2 ½ a 3 vezes o preço da passagem ao dono do clube. Mais o aluguel. Elas não podem andar de ônibus, são obrigadas a pegar táxi, assim as despesas crescem rápido.E ainda precisam mandar dinheiro para seus filhos. Não encontrei nenhuma que não tinha filhos.” (De ware tijd, 2003)*

A situação das brasileiras e outras mulheres nas áreas de garimpo no interior do país não pode ser considerado melhor. Devido a ausência completa dos órgãos do Estado, a presença de um contingente masculino e a dinâmica própria de garimpo (relações de escravidão por dívida/aviamento, violência e circulação de ouro) as mulheres são muito vulneráveis. Nos clubes nas currutelas há uma situação parecida com aquela na capital, sendo mais isolada. Há garimpos onde se trabalha com o sistema de “sexo-por-crédito”, no qual a passagem, transporte local e hospedagem ficam por conta do dono de garimpo. As mulheres ficam a disposição dos garimpeiros durante três meses, para relações sexuais. O dono desconta no final do mês 10% do salário dos garimpeiros e paga às mulheres um salário preestabelecido. Nos garimpos onde a presença de mulheres é proibida se formam vilas de mulheres na proximidade, onde a falta de proteção e segurança é maior. (Antonius-Smits, 1998)

Duas irmãs de Belém foram convidadas pela tia para trabalhar no Suriname, onde reside. Raimunda ofereceu às duas a quantia de R\$200,00 para que retirassem passaporte em Belém. Ao chegarem foram levadas até o clube “Diamond”. A dívida era a forma de manter as duas presas no clube, para não poderem fugir. As irmãs já deviam U\$795 pela hospedagem. Descobriram que o local era uma casa de prostituição, com mais de 100 mulheres de várias

nacionalidades, onde aconteciam shows. No local de chegada as duas assinaram um contrato, mas se recusaram após perceberem do que se tratava. A situação de desespero e de fome era tamanha. “A nossa tia falou que tínhamos que ficar na casa até pagarmos nossa dívida e não poderíamos tentar fugir, pois seríamos caçadas e, provavelmente, mortas. Para fugir da casa, pediram apoio para um cliente (surinamês) do clube, que as ajudou chegar até a embaixada brasileira no Suriname.(relato da própria vítima à equipe do programa Jepiara no dia 10 de maio de 2005)

A escravidão funciona através dos adiantamentos de valores para passagens e preparativos, o alojamento e alimentação, além do pagamento das aliciadoras, multas por brigas, doenças adquiridas ou não comparecimento para exames de saúde e taxas oficiais cobradas na entrada do Suriname. Têm o passaporte retido e ficam impedidas de sair do país até saldarem seus gastos com passagens aéreas, passaporte, alimentação e moradia. Muitas vão acumulando dívidas e não conseguem mais pagar, denuncia Rosangela na revista Isto É (Nascimento, 1996). Para dar um tom de legalidade e ter a aparência de um trabalho formal, donos de boates apresentam contratos às mulheres. O contrato oferecido por Kunath (boate Diamond) é um atentado aos mais elementares princípios dos direitos humanos. As mulheres são proibidas de tudo e ele passa a controlar suas vidas. Passam a pagar à boate a alimentação e a moradia. Cumprem exigências absurdas, como não frequentar lugares onde existam brasileiros, sob pena de multa. Se ficarem grávidas ou adquirirem alguma doença venérea, Kunath aplica mais multas, com valores definidos a seu critério. Até por ficarem menstruadas, as mulheres podem ser penalizadas. A violência física e até assassinatos fazem parte das formas de controle das mulheres. Surpreendente é a “cooperação” das instituições oficiais na ocorrência do tráfico, na qual a expedição pela Polícia Militar em Suriname de carteiras de identidade específica, na qual são taxadas de animée meisjes (meninas de programa, em holandês). (Nascimento, 1996)

No dia 09 de novembro de 2005 saiu uma matéria no jornal De Ware Tijd que relata que o serviço de migração na República Dominicana prendeu 18 mulheres que estavam querendo embarcar para Suriname. Os seus vistos não foram emitidos pelo consulado surinamês, mas através de um traficante. Onze mulheres declararam que iam trabalhar como bailarina em clubes surinameses, as outras sete pensou em trabalhar como empregada doméstica.

#### Pará/Amazônia/Brasil

O número de mulheres como chefe de família tem aumentado a cada ano no Brasil. Dentre as capitais brasileiras, Belém aparece como a 4º capital com mulheres responsáveis pelo domicílio (IBGE, 2002). A responsabilidade assumida por estas mulheres tem se iniciado na adolescência. Uma vez que, muitas mulheres tornam-se mães ainda muito cedo. Dados do IBGE (2003) indicam que a região Norte do Brasil apresenta o maior índice de maternidade de adolescentes de 15 e 19 anos (24,67%). O Estado do Pará apresenta a segunda maior taxa (25,5%), sendo superado apenas por Tocantins (27,1%). Segundo a Secretaria Municipal de Saúde de Belém, 24,5% (6083) dos partos feitos em 2003 foram de adolescentes e jovens entre 10 e 19 anos, dos quais 224 tinham menos do que 14 anos. (O Liberal, 2004)

Na Amazônia, a mulher sempre foi percebida em segundo plano. Os programas de desenvolvimento, os investimentos, as políticas sócio-econômicas sempre foram direcionados para o agronegócio e mineração, que procuram trabalhadores masculinos. A presença da mulher e as questões da sua sobrevivência foram consideradas uma consequência do trabalho masculino. Nesta lógica, as mulheres migraram para dentro da Amazônia atrás dos homens pioneiros, seringueiros, garimpeiros, trabalhadores de construção, marinheiros e caminhoneiros para ocupar os serviços por eles desejados: trabalhadoras domésticas, prostitutas e/ou para um eventual casamento, muitas vezes através de aliciadores e traficantes. Este dinamismo fragilizou a posição da mulher na Amazônia e produziu uma cultura permissiva à exploração sexual.

Os indicadores sociais, conforme Radar Social (Ipea, 2005) como taxa de desemprego, renda e educação, podem indicar a fragilização da região Norte diante do tráfico. A média de desemprego (10,45%) na região norte está acima da média nacional (10%). A região norte, depois do nordeste se destaca como uma das regiões com maior índice de analfabetismo. Enquanto a média nacional de pessoas que sobrevivem de uma renda de até ½ salário mensal é de 31,7%, no Norte é de 39,61%, sendo que o Pará apresenta o maior índice da região (42,8%).

As rotas<sup>3</sup> do tráfico de seres humanos na Amazônia se localizam na própria região, para além das fronteiras com os países vizinhos e com destino à Europa. As rotas internas acompanham as rodovias e hidrovias da região, direcionando o fluxo em direção às principais atividades econômicas, como os grandes projetos, centros administrativos em expansão, eventos culturais e turísticos ou possibilidade de prosseguir nas rotas além das fronteiras nacionais. Os países vizinhos de destino do fluxo de mulheres e jovens para exploração sexual por via terrestre acontecem com facilidade e naturalidade, pois fronteiras praticamente inexistem, por falta de fiscalização e pelas facilidades oferecidas pelas autoridades locais para a expedição de documentos de permanência sem nenhuma restrição. Atravessa-se à fronteira por táxi ou com uma canoa e sem maiores formalidades, ou por avião. As rotas da região norte do Brasil para Europa geralmente passam por locais de transição no Brasil, nos países vizinhos do Brasil ou de um país de entrada na Europa. O meio de transporte é aéreo, o que torna mais oneroso o investimento para a saída de mulheres e jovens (passagens, passaportes etc.). (Leal, 2002)

Muitas mulheres traficadas nunca atuaram na prostituição antes de sair do país, convidadas por vizinhas, colegas, familiares ou amigas. Uma parte, porém, já estava inserida no mercado de sexo quando foi abordada pelos agenciadores. O mercado de sexo local se organiza na marginalidade da sociedade e conta com regras próprias que pouco respeitam a dignidade e direitos das mulheres e jovens na prostituição. Regras que parecem muito com as impostas pelo tráfico: dívidas não formalizadas que submetem as mulheres e jovens a regimes dos exploradores; ameaças e violências com poucas possibilidades de denunciar, pois falta uma rede de suporte; envolvimento de policiais e outras autoridades com a exploração sexual; desvalorização da pessoa como sujeito de direitos; grande mobilidade. Acostumadas com essa

---

<sup>3</sup> caminhos previamente traçados por pessoas que tem como objetivo chegar a um destino planejado (leal, 2002)

realidade na qual cada uma desenvolveu a sua estratégia de sobrevivência, os riscos com o tráfico se tornaram somente mais um fator na vida na prostituição.

Levantamento feito nos principais jornais no Pará referente ao período de 1996 a 2005 aponta para as mesmas e ainda outras rotas menos visíveis do Sudeste do Pará, via Goiás, para Espanha e uma rota do Eldorado de Carajás para os Estados Unidos. Encontramos vários processos na justiça federal se referindo a quatro casos de tráfico de seres humanos. Somente em um caso houve já uma condenação final, mas o condenado tinha sido liberado para aguardar a sentença em liberdade e voltou para Suriname (Hazeu, 2006)

Durante o trabalho de prevenção ao tráfico em quatro pontos de prostituição em Belém, com 137 mulheres, foram registrados os seguintes países de destino de viagens já realizadas ou para os quais foram convidadas: Suriname 36; Holanda 22, Espanha 12, França 10, Guiana Francesa 9, Itália 5, Alemanha 1, estados unidos 1, Portugal 1. Os relatos das experiências variam de “muito bom, ganhei bastante dinheiro e fui bem tratada” até “muito ruim, fui obrigada a trabalhar sete dias por semana, voltei sem nada (me roubaram)”.

Levantamento feito pelo Grupo de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais de Belém em outubro de 2005 entre 121 pessoas (GLTB, 2006), 16 confirmaram ter viajado para o exterior ou ter sido convidado para tal, dos quais 9 efetivamente foram, citando, Exterior<sup>4</sup> 3, Europa 2, Holanda 2, Guiana Francesa 2, Estados Unidos 2, Espanha 1, Itália 1, Portugal 1, Suíça 1 e França 1. Ainda mencionaram 08 destinos no Brasil e 02 sem informação. Destes 26 pessoas 08 afirmaram ter ido ou sido convidado para a prostituição, 03 para dançar como *drag queen*.

### República Dominicana

As mulheres traficadas da República Dominicana vêm das regiões mais pobres do país e têm um nível de educação limitada. Sua idade oscila entre 18 e 35 anos e são, na sua maioria, chefes de família com dois ou três filhos. Elas procuram a partir da emigração suprir as necessidades básicas de educação, alimentação, uma casa para sua família ou, com outras palavras, uma melhor qualidade de vida.

Segunda a Organização Internacional de Migrações, a República Dominicana está entre os dez países mais vulneráveis a tráfico de seres humanos. Estima-se que atualmente mais de 200 mil dominicanas estejam no exterior inseridas em serviços domésticos, casamentos forçados e no trabalho sexual. Um terço seria vítima de tráfico de seres humanos.

Os principais países de destino são

- ◆ Europa: Espanha, Itália, Holanda, Áustria, Suíça, Alemanha, Bélgica, Grécia ...
- ◆ Ilhas de Caribe: Curaçao, São Martín, Aruba, Antigas Guianas, Haiti ...
- ◆ América: Venezuela, Panamá, Argentina, Costa Rica, Brasil, Puerto Rico, Estados Unidos, Suriname.
- ◆ Ásia: Líbano, Israel, Japão ...

---

<sup>4</sup> conforme o próprio levantamento



Além disso, a República Dominicana está sendo utilizado como país de trânsito para os Estados Unidos e Europa e como país de destino de haitianos, cubanos, chineses, venezuelanos, colombianos, peruanos...

As pessoas são recrutadas com promessas de contratos para trabalhar como doméstica, bailarina, camareira ou através de casamentos, via redes familiares e de amigos ou ainda atraídas por anúncios em revistas, jornais ou internet.

As mulheres vítimas do tráfico de seres humanos apresentam problemas de saúde (HIV/Aids, doenças sexualmente transmissíveis) psicológicos (depressão, neuroses...), jurídicos (paternidade/maternidade, denúncias de violência, deportações...), econômicos (dívidas, falta de emprego), desagregação social e dificuldades de reiniciar um outro projeto de vida.

A pesquisa realizada pelo Ceapa (2005) entrevistou 160 mulheres, maiores de 15 anos, vítimas de tráfico de seres humanos para o exterior principalmente para fins de exploração sexual. Alguns dados ilustram melhor as informações acima mencionadas.

Mais de seis de cada dez entrevistadas foram recrutadas para fazer a viagem ao exterior. As mulheres traficadas geralmente recebem informações enganosas sobre a renda que obterão no país do destino, as condições do trabalho e o seu status de migrante.

94,1 por cento indicaram que tomaram a decisão para ir para o exterior trabalhar devido às necessidades econômicas. 1,9 por cento indicam que era forçado, 3,8 por cento pela violência em casa e nos 5,0 por cento por outras razões, tais como desejos de ter uma vida melhor.

As entrevistadas identificaram 20 países para onde viajaram, inclusive na América Latina e o Caribe, além da Europa e os Estados Unidos.

76,7 por cento indicaram que recebeu insultos onde trabalharam na República Dominicana e no exterior. 27,0 por cento indicaram ter sido agredidas, e 40,2 por cento não foram pagos por seu trabalho.

37,1 por cento indicados para ser abusado sexualmente e 8,2 por cento indicaram outras formas de violência.

Quase um terço das entrevistadas respondeu que durante sua estadia no exterior vendeu drogas. Dos 44 que indicaram que venderam drogas no exterior, 65,1 por cento recebeu um pagamento pela venda das drogas. Em 58,1 por cento dos casos, a venda da droga era parte do trabalho que teve que fazer

Há cinco casos de tráfico de seres humanos julgados e três em fase de investigação. Trinta e nove funcionários da migração e cinco fiscais foram demitidos, dois policiais presos e um está sob investigação.

## Questionamentos

Estas realidades trazem novos questionamentos, como quais são os fatores que ajudam explicar a existência deste fenômeno entre os três países. Será a forte presença do crime organizado em Suriname vinculado ao tráfico de drogas? Será o fluxo migratório de garimpeiros brasileiros para dentro do Suriname? Será o funcionamento da companhia aérea surinamês entre estes países? Como as culturas locais influenciam, sendo Suriname predominantemente evangélico e os outros dois países católicos? Como organizam-se os dois

circuitos de prostituição em Suriname, sendo uma alimentada pelo tráfico de seres humanos e uma outra na esfera informal com presença de surinamesas? Apesar de ter em cada país movimentos governamentais e não governamentais para o enfrentamento do tráfico, nenhum deles parece atingir a problemática do tráfico de seres humanos entre os três países. Falta de vontade política? Falta de competência para traduzir conhecimento e leis em políticas públicas e ações concretas? Num dos países menos conhecidos na América do Sul o tráfico aflora no coquetel de crime organizado e uma cultura de sexualidade dominada pelo machismo, nas fronteiras selvagens da globalização.

### [Literatura] Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Jaqueline. **Paraenses viram escravas no Suriname**. In: O Lberal, 06/11/2004, Belém;
- ANTONIUS-SMITS, Christel (coord). **Gold and commercial sex**. Exploring the link between small scale gold mining and commercial sex in the rainforest of Suriname. Paramaribo, 1998. 42p
- COFFEY Pamela Sumner. **Literature Review of Trafficking in Persons in Latin America** and the Caribbean, USAID 2004 119p
- DE WARE TIJD. **Maar...het zijn toch allemaal hoeren?** Paramaribo, 2004 (?)
- GLBT. **Levantamento sobre homofobia** realizado na festa de chiquita. Faor. Belém, outubro, 2005.
- GILBER. Oretha. **Trafficking of persons in Latin America and Caribbean: a literature review**. IOM, 56p
- HAZEU, Marcel (org.). **Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual na amazônia**. Txai/OIT/Emaus, Belém, 2003; 159p
- HAZEU, Marcel Theodoor (coord). Silva, Anaclan. Dias, Luiz Carlos. Nascimento, Antônio. **Prostituição e adolescência: Prostituição juvenil no interior do Pará. Trombetas e os garimpos do vale do Tapajós**. Movimento República de Emaús. Cejup, Belém, 1997. 248p
- IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000**. Informação Demográfica e Socioeconômica Estudos e Pesquisas número 8Rio de Janeiro, 2002
- IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2004** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Diretoria de Pesquisas Coordenação de população e Indicadores Sociais. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 15, Rio de Janeiro 2005
- IPEA. **Radar social**. Brasília, 2005. 144p
- LEAL Maria Lúcia et all (orgs.). **Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil-PESTRAF**. Brasília: CECRIA, 2002 (Relatório Nacional). 280p
- NASCIMENTO, Gilberto; Rodrigues, Alan. **Prostitutas made in Brazil. Isto É**, n. 1392, 05 jun. 1996. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/capa/139219.htm>
- O LIBERAL. **Cresce número de adolescentes grávidas**, 24 de junho de 2004 Atualidades pagina 5
- PRADO, Adonia Antunes. **Trabalho escravo hoje**, 2005, <http://www.pgt.mpt.gov.br/publicacoes/escravo/pub100304.html>;
- SENTINELA. **Caracterização do Usuário/ Quantidade de Crianças e Adolescentes e Familiares Atendidos**. Seteps/Sentinela Estadual. Belém, 2005 (tabela disponibilizada)
- SIMÕES, Euclides Damaso. **Tráfico de pessoas: presentes e futuro**. Coimbra, 2000. 22f. não publicado.
- STICHTING MAXI LINDER ASSOCIATION. **Profile of clubs and informal sexual locations in Paramaribo and Nieuw Nickerie**. Paramaribo, 2001. 43p
- VERHOEVEN, Maite. **Me libere**. Een nuancering van het begrip vrouwenhandel. Doctoraalscriptie Culturele Antropologie. Utrecht, 2003, 93p